

Elogio da mansidão

Antonio Carlos Olivieri¹

Resumo: Num breve ensaio intitulado “O elogio da serenidade”, Norberto Bobbio questiona a tradicional tradução da palavra latina *mites* por *mansos*, no Novo Testamento, sugerindo que melhor seria traduzi-la por *serenos* e fazendo, a partir daí, o elogio dessa virtude. Dialogando respeitosamente com Bobbio, nosso artigo procura abonar a tradução tradicional e fazer o elogio da mansidão.

Palavras Chave: Norberto Bobbio, ética, serenidade, mansidão.

Abstract: On a brief essay entitled “The praise of serenity”, Norberto Bobbio discusses the traditional translation of the latin word *mites* for *meek*, on New Testment, and considers *serene* a better translation, praising that virtue from them on. In a respectful dialogue with Bobbio, our article claims to accredit the traditional translation, drawing praise of meekness.

Keywords: Norberto Bobbio, ethics, serenity, meekness.

“Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra” (Mt, 5,5). Num belo ensaio intitulado “Elogio da Serenidade” (Unesp, São Paulo, 2000), o saudoso filósofo italiano Norberto Bobbio questiona a tradução desse versículo evangélico, a partir do texto da vulgata latina. De acordo com Bobbio, usa-se em latim bíblico o adjetivo “mites” (serenos) e não “mansueti” (mansos)², sendo, pois, a tradução correta das palavras de Jesus “Bem-aventurados os serenos...”, palavras que, efetivamente, soam melhor aos ouvidos contemporâneos, mas não é nesse ponto a que preciso me deter aqui para fazer, em contraponto, um elogio da mansidão, tradicionalmente consagrada, que é preterida em prol da serenidade na interpretação do pensador piemontês.

De fato, Bobbio parte da distinção entre mansuetude (ou mansidão) e serenidade, para fazer o elogio dessa última virtude, que considera uma “virtude ativa” e mais “profunda” que a anterior, à qual reputa como “superficial”, como “virtude passiva”. Ademais, em palavras suas, “a mansuetude é mais uma virtude individual”, enquanto a serenidade é “social”, pois “a mansuetude é uma disposição do espírito do indivíduo, que pode ser apreciada como virtude independentemente da relação com os outros. O manso é o homem calmo, tranquilo, que não se ofende por pouca coisa, que vive e deixa viver, que não reage à maldade gratuita, não por fraqueza, mas por aceitação consciente do mal cotidiano. Ao contrário, a serenidade é uma disposição de espírito que somente resplandece na presença do outro: o sereno é o homem de que o outro necessita para vencer o mal dentro de si”.

Ao caracterizar com lirismo e admiração o homem sereno, diz Bobbio que esse “não guarda rancor, não é vingativo, não sente aversão por ninguém. Não continua a remoer as ofensas recebidas, a alimentar o ódio, a reabrir as feridas. Para ficar em paz consigo mesmo, deve estar antes de tudo em paz com os outros. Jamais é ele quem abre fogo; e se os outros o abrem, não se deixa por ele queimar, mesmo quando não consegue apagá-lo”. E, para concluir o elogio, com a crítica mordaz aos costumes característica dos grandes moralistas de todos os tempos, o filósofo italiano

¹ Jornalista e tradutor. Mestre em Língua, Literatura e Cultura em Italianas pela FFLCH-USP.

² O latim da vulgata, *mitis*, é tradução do grego *πράος* (suave, manso, benévolo). Nas traduções da vulgata latina para os idiomas modernos, prevalecem *mansueti*, em italiano; *mansos*, em português e espanhol; *doux*, em francês; e *meek*, em inglês.

declara: “identifico o sereno com o não violento, a serenidade com a recusa a exercer a violência contra quem quer que seja. A serenidade é, portanto, uma virtude não política. Ou mesmo, nesse nosso mundo ensanguentado pelo ódio provocado por grandes e pequenos poderosos, a antítese da política”.

Não há como não concordar com as lógicas elucubrações de Bobbio, exceto num único e pequeno ponto, que talvez tenha passado despercebido ao autor, num ensaio que, afinal, ele mesmo considera “meio desprezível”: se é possível estabelecer oposições entre os traços distintivos da mansuetude e da serenidade (individual/social; passiva/ativa; superficial/profunda), não é de modo algum possível considerá-las contrárias em si mesmas, em termos aristotélicos. Em nada se opõem, intrinsecamente, as duas virtudes, que podem muito bem ser consideradas complementares.

Na verdade, pode-se dizer até que há, entre as duas, uma relação de consequência: a mansidão parece um *pré-requisito* da serenidade, ao menos em seu maior grau, quando se quer conceber a serenidade em plenitude. Não é possível ser completamente sereno, sem antes ser profundamente dócil, afável, pacífico: manso. Sem antes alimentar, intimamente, o pendor pela conciliação e a concórdia. É o próprio Bobbio, aliás, quem nos leva a cogitar assim, quando afirma que sua preferência por “mite” (sereno), em vez de “mansueto” (manso), decorre do fato desse último termo ser “aplicado a animais e não a pessoas, mesmo que depois, como uma analogia, também tenha passado a aplicar-se a pessoas”. Ora, o fato de sermos pessoas não nos exime absolutamente de nossa condição animal. Somos pessoas e animais. Ou, com maior precisão, somos animais *antes* de sermos pessoas.

É necessário domesticar, é necessário amansar o animal que existe *em* nós para podermos, então, nos transformar em pessoas ou seres humanos. Se não fizermos isso, se não empreendermos essa conquista primordial sobre a nossa própria natureza, amansando nossa animalidade, nos tornando cordialmente mansos, dificilmente estaremos aptos a não guardar rancor, a não sermos vingativos, a não sentirmos aversão por ninguém, como enumera Bobbio. Assim, a mansidão não deve ficar sem o seu elogio, pois precede a serenidade e exige um maior grau de autocontrole para poder evitar a erupção de repentinas tempestades em meio à contínua calma. Bem-aventurada a mansidão, portanto, como disseram os que traduziram a vulgata aos vernáculos, pois sem ela a serenidade não é completa.

Recebido para publicação em 13-05-16; aceito em 10-06-16